

m. 368

Jouga / Cvetko

Gr.



ACCACIO ROZA
SECCO DA SOCIEDADE DE GEOGRAPHIA DE LISBOA

IMPRESSÕES
bibRIA
A VUELA PLUMA

MDCCCXCH

PORTO
IMPRENSA MODERNA
R. Passos Manuel, 7

IMPRESSÕES
A VUELA PLUMA
bibRIA

bibRIA

ACCACIO ROZA

IMPRESSÕES

A VUELA PLUMA

.....
«pagina del libro
de la vida.....»

F. de Anton.

bibRIA
MDCCCXCHH

PORTO
IMPRESA MODERNA

53, R. Passos Manoel, 57

bibRIA

OBRAS LITTERARIAS
DE
ACCACIO ROZA

JÁ PUBLICADAS

A nossa independência e o iberismo — Estudo scientifico-social (1893) — 1 vol.

Impressões a vuêla pluma — Apontamentos d'uma visita (1893) — 1 vol.

EM PREPARAÇÃO

Lembranças na estante. Estudo crítico ás obras recebidas.

Monographias dos homens mais notaveis que tem escripto sobre o iberismo.

Paginas do meu passado.

É propriedade do auctor

bibRIA

UN RECUERDO

A

D. CASILDA DE ANTON

.....Sobrem-me a lembrança
Indelével e a voz não morredora
Do amado gratíssima e singera.
Casilda por e f. Garrett

bibRIA

Accacio Rosa.

bibRIA



Illustré Senhora



A tempestade rugé furiosa e a noite é apenas illuminada pelos relampagos que, de espaço a espaço, abrem janellas phantasticas de fogo. O céu chora lagrimas copiosissimas e o vento cahe por entre as arvores *o dies irae* da tormenta!

Eu medito...

Uma branca mariposa volteia a luz que me allumia e succumbe victima do seu amor. Talvez que a morte da infeliz borboleta faça contraste curioso com as paginas sombrias do meu trabalho!

Eu medito...

Os abutres devorarão as minhas palavras como faziam a Pro-

metheo quando amarrado aos rochedos escarpados do Caucaso. Porém, a sympathia vehemente que nasce da alma, pelas coisas da natureza, não será ruidosa como a paixão de Othello perante a innocencia de Desdemona!

Eu medito...

E' possivel que a critica implacavel da geração moderna, filha das leis que Dracon tracejou com sangue, escreva o meu nome humilde n'aquella celebre concha que deu origem á palavra ostracismo, como o povo da antiguidade grega fazia no tempo de Clistenes a aquelles que queriam fazer banir da sua jurisdicção!

Eu medito...

Não tenho promettido a Chanaan do talento, mas á beira das aguas do meu Vouga eu choro por ella como os judeus por Jerusalem á sombra dos salgueiracs do Euphrates. O Moloch da critica, phantastico como uma pyramide egypciaca, parece soerguer-se ameaçador e terrivel!

Eu medito...



Se não temesse atraiçoar o meu compromisso, que para mim é um sacramento d'alma, em vez d'essas paginas que vão lêr-se, eu mandaria, como prova do meu affecto, como pallida poesia do meu ideal, no calice mimoso d'uma rosa perfumada pelas brisas da minha patria, uma borboleta branca, tendo nas suas azas de neve, escripta em letras d'oiro, esta frase simples, que é a mais eloquente manifestação do meu pensar: — «Muitas saudades.»

Depois... obediente como o escravo das *Mil e uma noites* perante a voz solenne e grave de Aladino, eu escrevia com a consciencia de quem pensa e sente:

Digne-se aceitar este preito de consideração e reverencia às suas reconhecidas virtudes.

VERDEMIRO, X-IX-NBCCXGHI.

ACCACIO ROZA.

bibRIA



I

.....O dia é lindo
e os prados vicejam galas:
vamos ao campo.....

Thomas Ribeiro.



Era um dia d'agosto com sol
puro e athmosphera quente. O
ceu era azul e n'esse azul brilha-
va o bello sol das possas esperan-
ças, esperanças d'ouro. A manha
surgiu placida como a planície do
mar no momento da bonança. A
poesia era physica e moralmente
rutilada no meu espirito. O sol
caminhava no horisonte côr do
mar... são quatro horas e meia
da tarde.



Chega á gare do caminho de
ferro de Aveiro um comboio que

traz de Espinho uma notabilidade de Hespanha. E' D. Fernando de Anton. Acompanha-o uma filha gentilissima que reúne aos dotes da belleza os dotes do talento e da virtude. A filha é digna companheira de tão digno pae. Elle tem o cabello branco como fios de prata; ella tem o cabello louro como aureos troços que se deslçam em brilhantes scintillações.



Comprimntamo-nos affectuosamente e tive o prazer de apresentar aos illustres filhos de Hespanha um amigo dedicado e talentoso. E' Firmino de Vilhena, jornalista em extremo sympathico. A tarde era bella e encantadora. Pelo ceu tranquillo havia luz, muita luz. Sahimós da gare e dirigimo-nos para Verdemilho. A poeira revolvía-se na estrada. Eram torvellinhos asphixiantes d'oiro.

A decorative ornament on the left margin, featuring a central shield with a cross and four quadrants, surrounded by intricate scrollwork and floral patterns.

O occidente começava a tingir-se de nacar. Os raios do sol eram como que scintillações de rubis. Antes de partirmos para Verdemilho, fomos ás Pyramides, d'Aveiro, d'onde se observa uma paisagem bella. Os refrangimentos tremulos do clarão da tarde batiam nos montes do sal com o mesmo encanto e com a mesma suavidade com que Ganimedes servia o nectar aos deuses depois de arrebatada pela aguia de Jupiter. D. Fernando e sua gentil filha D. Casilda de Antory, duas solennes manifestações que captivam inveneivelmente, encantam-se com a ria d'Aveiro, rival de Comichio e de Veneza. Voltámos. O sol ia esmorecendo sempre puro, doirando a planicie cheia de esplendores.

Chegámos a Verdemilho e jantámos. A noite cahia e o sol cobria-se de estrellas. Depois —

que phantasia!—a lua, pallida como uma fogueira de enxofre, vaidosa pelos esplendores do sol, quer collocar-se em campo de lucta... quer vencer o sol. O mais forte vence o mais fraco. A lua é vencida, mas nem por isso deixa de dar á paisagem um tom phantastico, uma claridade pallida como as faces d'um vencido perante a espada de ferro do vencedor.



A noite é bella. O silencio é uma epopeia. Na solidão, dorme tranquilla a paisagem. Acompanhamos em extensão de um kilometro, a pé, o novel e sympathico Firmão de Vilhena que se retirava para Aveiro. Depois... voltamos, sempre illuminados pelo luar que nos saudava. Eramos tres: —D. Fernando, D. Casilda de Anton e eu. O raiar da lua era de um encanto adoravel:—enamorava-nos, prendendo-nos á poesia do ceu cheio de estrellas. Que bella noite, que noite de luz!



II



Allá en la corte, en medio del bulicio y de la vida del Arte y de la literatura y de los estudios serios que constituyen la vida de mi espíritu, como un sueño delicioso, como un lienzo fantástico bañado en el plácido riel de la luna y las siluetas de hermosísimas florestas con frondas de esmeraldas, se presentaba ante mis ojos, este divino sitio que se llama Verdemilho...

Fernando de Anton.

biblioteca

Era domingo. O campo tomava um aspecto de trabalhador fatigado. Punham-se de lado os trabalhos afanosísimos da agricultura, vestiam-se as roupas mais decentes e, em um torvellinho característico, os homens e as mulheres do campo procuravam ouvir missa. O dia sorriu alvinitante

de poesia. Era azul o ceu. O sol era brilhante como uma fogueira d'ouro. Bello dia.

D. Fernando de Anton, D. Casilda, minha irmã e eu fomos à missa das 9 horas. Na egreja poucas dezenas de pessoas ouviam missa. A maior parte do povo já tinha assistido às missas das 6 horas da manhã. Depois de terminadas as ceremonias do rito fomos almoçar. O calor era forte e o pó era arrelhador.

Depois do almoço, fomos a Aveiro. Visitámos a camara municipal, onde nos esperava Firmino de Vilhena. Vimos o que alli ha de mais curioso, — um livro de pergaminho antiquissimo das actas das sessões camararias, uma bandeira riquissima dada por uma alta individualidade que a bordou magistralmente, cadeiras

de um esplendido gosto de arte, etc. Lá fóra, o sol aquecia a poeira das ruas que se levantava em nuvens de fogo.



Depois de fallarmos sobre as coisas de Hespanha e Portugal, sobre os progressos scientificos d'uma e outra nacionalidade, em cuja conversa se salientou o illustre deputado Barbosa de Magalhães, dirigimo-nos para Verdemilho. A poeira revolvía-se na estrada e o sol como que accendido por uma força electrica, dava a essa poeira uns tons de ouro fosco. As arvores permaneciam quietas e amarellecidas, chorando a primavera que lhes tinha levado, com a côr de esmeralda, as aves que cantavam na folhagem ou que trinavam á beira dos regatos.



A's 6 horas jantamos e depois... passeiamos. A lua já tinha despontado. Saudou-nos e correu vagarosamente, mansamente pelo espaço, tingindo-se de cores phantásticas. A brisa balouçava os ramos das arvores. De vez em quando, uma nuvem mais indiscreta vinha cobrir a scintillação da lua e as estrellas pareciam cobrir-se de luto perante o offuscamento do astro da noite. Depois, sorria mais formosa. Era mais bella a noite, eram mais rutilas as estrellas. Que bella noite, que noite esplendida!





III

As auras que susurram
Nas folhas buliçosas
Doce cantos,
..... inda murmuram.

Antonio de Serpa.



biblioteca

O céu está nublado. Há tristeza na paisagem. Oculta-se o céu por detrás d'uma toalha de chumbo e desaparecem as alegrias. Pouco depois, o sol, que algumas vezes é forte e generoso, rompe a fumarada do céu e levou ao nosso coração o calôr da esperança. E' que n'esse dia desejaríamos visitar a Vista Alegre.





Emquanto almoçamos, o sol encarregou-se de varrer o céu coberto com um manto côr de onix. Magnifico creado. Agora, o céu é azul, azul como um tablado de annil. Apparecem Marques Gomes e Firmino de Vilhena. Ha agradável conversação sobre varias coisas. Com a visita de Marques Gomes, D. Fernando de Anton recebe d'este illustre publicista o ultimo livro publicado — um bello estudo sobre o notavel parlamentar José Estevão. Retiram-se depois de curta demora por causa dos trabalhos de recepção do ministro Bernardino Machado que visitava Aveiro dois dias depois.

Dirigimo-nos á Vista Alegre. O sol brilhava no céu, céu tão puro como uma enorme lamina de crystal de rocha. As folhas das arvores amarellecidas e impotentes com o calor do estio, iam cahindo saudosas e tristes co-

mo um sér que vac ser condemnado á solidão negra d'um sepulchro.



Pouco depois de sairmos, encontrámos o brilhante e sympathico publicista Carlos Faria, que nos vinha visitar. Quizemos retroceder, mas Carlos Faria ponderou que seria melhor seguirmos todos para a Vista Alegre. Entrou para o nosso *landeau* e seguimos. Foi alegre e interessante a viagem. Carlos Faria tem uma conversação magnifica, agradabilissima.

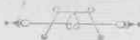
biblioteca

Chegando ao alegre local, onde nos destinavamos, começámos a examinar o que ha de mais curioso e interessante. Vimos as arvores de troncos extravagantes que alli se erguem frondentes, a egreja que é uma sympathica manifestação dos fins do seculo xvii,

a fabrica que synthetisa um dos mais brilhantes florescimentos da arte genuinamente portugueza, etc. O sol jorrava golfadas de luz em um fundo purissimo.



Nós, depois que Carlos Faria se retirou para Aveiro para cumprir obrigações particulares, seguimos para Ilhavo. Vimos de relance esse centro de população e pouco depois chegavamos a Verdemilho. Era alegre o sol e alegre o ceu. Jantamos. Lá fora desenhava-se o luar. Depois do jantar passávamos. Houve conversação agradável sob o ceu coberto de estrellas, tendo como doce a pallidez da lua. Tem encantos a noite.





IV

! Ninfas que ciñes guirnalidas
de capullos de azahar,
y ves al Sol declinar,
envuelto em medrosa bruma,
buscando un lecho de espuma
en las ondas de tu mar!...

Nicolás Taboada.

Dia sorridente com sol espi-
piendido brilhando na amplitude
azul. Farrapos de nuvens ligei-
ras percorrem o ceu, mas não lhe
tiram o brilho. E' um bom dia.
O ceu é bello, o sol é brilhante,
bello e brilhante como um idyl-
lio de amor.



Partimos para Aveiro, para
a *Venecia de Portugal* ou para



o *Rotterdam ibérico*, na frase de Giner de los Rios. No largo de José Estevam já nos esperavam Marques Gomes e Firmino de Vilhena. Dirigimo-nos para o convento de Jesus e começamos a visitar o mais importante.



D. Fernando e D. Casilda de Anton maravilham-se com o que ha no magnifico convento. Por fim, como desenlace a impressões agradabilissimas, vimos o túmulo de Santa Joanna. E' uma belleza que se não descreve. Os illustres visitantes hespanhoes encantam-se com aquella preciosidade de marimores e de alabastro. Essa sublime manifestação da arte encontra echo nas homenagens mais entusiasticas do talento. Sahimos. A cidade parecia arder em uma fornalha de sol.

Marques Gomes, atarefado com a visita a Aveiro do ministro, despediu-se de nós e foi para a sua repartição do governo civil. Nós dirigimo-nos para o jardim publico. Firmino de Vilhena, com grande pesar, teve de nos deixar por causa das suas obrigações officiaes na secretaria da camara municipal. D. Fernando de Anton e eu dirigimo-nos a casa do illustre publicista Carlos de Faria, que nos recebe com toda a gentileza digna dos seus meritos e da sua educação magnifica. Pouco depois dirigimo-nos para Vordemilho. O dia estava agora fresco com uma viração suave.

A's 6 horas jantamos. A noite ia cahindo. Myriades de estrelas começavam a scintillar no ceu que parece um mar de amor semeado de esperanças. Depois do jantar, nós, D. Fernando, D. Casilda de Anton e eu passeamos. A lua começava a surgir e a pai-

sagem começava a illuminar-se.
O silencio cahe, e n'esse silencio
da noite que doces sentimentos,
que bellas recordações nos vceem
ferir a alma como essas forças ex-
traordinarias que impellem o de-
lirio nos ardores da febre! Ao
longe, o mar murmura como um
canto epico. Bella noite, noite de
encantos.



bibRIA



V

Lembram-me as águas correntes
.....
Que choram nos salgueirões.

Conde de Monsaraz.



Muito claro. O céu é azul e o sol é puro. Depois do almoço, preparavamo-nos para ir a Angeja. Neste momento apparece em minha casa Raul Soares, que me apresenta uma carta de D. Francisco Losano, em que o illustre publicista hespanhol manifesta um certo interesse pelo meu livro *A nossa independência e o ibe-rismo*. De prompto satisfaço a curiosidade do brilhante litterato de Badajoz, offerecendo o meu livro. Depois de uma curta conversação

com Raul Soares, convidamol-o a acompanhar-nos até Angeja. Aceitou e partimos.



Em Ayeiro, esperava-nos Firmino de Vilhena, que nos acompanhou até ao Gremio e que apresentou no livro dos visitantes os dois illustres hespanhoes. Depois de vèrmos todo o edificio, seguimos viagem, não nos podendo acompanhar Firmino de Vilhena.

A paisagem começava a desenrolar-se magestosa, viridente, magestosa como as planicies do Nillo, viridente como a vegetação do Libano. O passeio é bom, é magnifico. As arvores levantam-se triumphantes. O silencio é eloquente. E' que ha epopeias mudas. Não fallam as ruinas de Carthago nem as estatuas da Grecia, mas n'essa mudez ha a eloquencia activa que prende o homem da arte. A paisagem tambem é muda, mas tem a eloquencia das



suas manifestações. Aqui há um grupo de arvores que parece um bouquet de flôres, como que enaltecendo o altar da natureza. Mais além, o rio vai correndo em longos talins de prata. A arcia que os cerca é como que uma bordadura d'oiro, posto em alto relevo. Os salgueiracs pendem como esmeraldas enormes sobre o crystallino das aguas. E' um encanto que é uma epopeia.

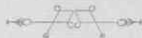


O carro vai andando sempre e a paisagem vai desenvolvendo-se sempre variada e encantadora. Entramos no tunnel de verdura. As arvores abraçam-se como dois namorados no ternó idyllio de uma paixão violenta, transformando a estrada em uma longa abobada de esmeraldas. Voltamos depois de percorrermos todo o tunnel e a população de Angeja. O sol favorecia as impressões da paisagem.

Chegámos a Aveiro e assistimos á chegada do ministro das janellas do Asylo-Escola. Varios cavalheiros vieram ahi fallar con-nosco e conversámos por algum tempo. Depois, dirigimo-nos para Verdemilho e ás 6 horas jantámos. Houve larga conversação e depois houve o passeio do costume. A lua só apparecia muito tarde. As estrellas brilhavam no ceu e o silencio era como o negro de um sepulchro.



bibRIA





VI

O mar é na vida da natureza o que melhor define e mais se approxima à vida do espirito.

Alves Mendes.



Fumas a barra. Sobre o ceu ceruleo brilhava o sol como um botão enorme e scintillante. As arvores choravam o cavallo da manhã, parecendo uma phantasia de crystaes rutilando á luz do sol. A alma da paisagem é a luz e nós namoramos o sol que illude, a melancolia em uns estonteios de azul e d'oiro. Que ternura de sol, que maravilha de luz!



Depois de almoçarmos, seguimos até Aveiro. O ministro das obras publicas ia tambem n'esse dia á barra e já tinha partido com a agradável flotilha que o acompanhou. O ceu era puro, vivo o sol, a brisa fresca. Nem uma nuvem toldava o horizonte plennissimo de sol e de luz. A aragem do mar, com os seus murmurios rithmicos e faguciros, tinham o supremo encanto de uma grande consolação.



Passámos além d'Aveiro e começamos a gloria da paisagem. O carro anda vagarosamente, suavemente. Cantam as alegrias do ceu, repercutindo o seu echo nos sorrisos da terra. Estendem-se longas fitas de prata polida salpicadas de barquinhos que ostentam a sua vella muito branca, parecendo gaivotas voando tranquillamente e mirando-se no espelho das aguas... são os canaes da ria! Veem-se longos quadros, bri-

lhantes e alvos como a gaze de um noivado, entre caixilhos negros, onde os marnotos trabalham afanosamente sob o calor do sol, que doira a crystallineidade do sal, ora estendido em enormes cordões como cercadura phantastica, ora junto em montes que se levantam vaidosos em pyramides de prata mesclada d'oiro... são as salinas! O carro vacando sempre com uma poesia suavissima de encanto...



A estrada por onde seguimos é cercada de farmagueiras que formam dois comoros de esmeraldas oscilados pelas águas que fazem um ruido suave, parecendo mais a scintillação d'uma chimera do que a expressão d'uma realidade. Aqui, ha o sorriso da natureza fazendo da poeira da estrada granulosinhos d'oiro; alli, ha os muros de verdura cheios de floritas que se riem para o sol que as beija com o mesmo encanto que nós beijamos uma creancinha

esbelta. Aqui, estende-se a vista pela amplidão enorme e vê-se uma planície bordada de phantasias; alli, vêmos as povoações, vêmos Aveiro, placido como uma creança no berço, com os crystaes de suas casas rutilando á luz do sol. Aqui, um encanto como a candidez do ceu azul; alli, uma epopeia como o sorriso de uma mulher formosa quando é verdadeiramente o seu coração que ri. O carro ia andando, andando, ... sobre um mar de luz.



biblioteca

Chegámos á ponte da Galinha... tudo bello. O silencio é mais eloquente que as palavras. Os navios como casitas de cordas, os barcos moliceiros quasi que a sepultarem-se no fundo da ria, os barquitos balouçando-se nas aguas como que uma ave pairando no espaço, Aveiro ao longe a occultar-se em uma espuma tenuissima de gaze, lhavo mais além, ostentando a sua egreja co-



mo castello da sua grandeza, os pinheiraes sorrindo á luz do ceu e tingindo a arcia branca com o escuro da sua sombra... tudo isso, que é uma verdadeira psychologia da nossa sensibilidade, não se descreve nem se pinta:—ama-se e adora-se. Cervantes, Byron, Ariosto, Camões, todos esses genios do pensamento humano não faziam mais do que um pallido reflexo d'essas bellezas que são a verdadeira aurora dos espiritos acostumados ás mythologias olympicas pulverisadas pela idealisação austera e solemne de Pindaro e de Homero.

bibRIA

Seguimos. O ceu é azul e o sol brilhante. Continua o cordão das tarmagueiras ladeando a estrada. Os pinheiraes susurram e luzem as casitas brancas. Chegamos á barra. A paisagem brilha com um terno encanto. No fundo d'uma longa planicie de prata, negreja ao longe a Costa Nova do Prado. A arcia transforma-se



em quadros d'oiro e as aves passiam com as pernitas enterradas na agua, procurando gentilmente com o bico alguns peixinhos que vëem. O pharol levanta-se magestoso e o mar, o grande mar, com os seus flocos de espuma frangendo as ondas semelhantes aos arcos hyperbolicos das auroras boreaes, lá está no seu revolver constante, impetuoso como o quebrar d'uma paixão nos fraguedos da alma, epico como a gloria que é o Janus social da honra dos heroes. Ao longe, demanda a barra um navio com as suas velas e o de fumo. O signal de entrada, uma bandeira escarlate, tremula no ar cheio da luz. O vento lhe favorece a entrada do navio e adianta-se a maré. Arreia-se a bandeira e o navio tem que passar mais uma noite sobre o mar.

Sahimos do carro. Tudo bello e sensitivo como a psychologia de um coração purificado pelos ideaes



e subtilizado pelos sentimentos. O amor pela luz e pela paisagem é encantador, é a lucta victoriosa da alma humana. E' agradável o passeio. O ministro ainda não tinha chegado. Ao longe, fumam os rebocadores e tremulam as bandeiras da esquadilha. O tempo fei correndo e o ministro chegou. O tremer das bandeiras, o estalido dos foguetes, o som das philarmonicas, tudo e que é proprio d'uma recepção ministerial dá um quê de pittoresco e vibratil á paisagem cheia de vida. O desembarque realisou-se com certo enthusiasmo e o ministro dirigiu-se para o fardo. O sol ia caíndo para o Oceano avermelhando o horizonte e as galvoas esvoaçavam sobre nós parecendo phantasmasitos em dança macabra. Depois de jantarmos em casa de João Pedro Soares, para que tínhamos sido convidados no dia antecedente por seu filho Raul, onde fomos tratados com toda a affectuosidade, dirigimo-nos para Verdemilho. A noite era de en-

cantos. O silencio era mais profundo e mais poetico que o das noites de Granada.



O ceu era salpicado de estrelas como uma alcatifa recamada de brilhantes. A *via lactea* parecia fazer-nos o que a lua faz á paisagem: — inundar-nos de luz. O carro vaé andando por entre os pinheirões onde susurra a brisa perfumada. O mar, ao longe, revolve-se em cachões, parecendo chorar de raiva por não poder saltar dos seus limites. O vencedor de tantos heróis, o tyranno de tantos naufragios é o vencido da natureza, e o escravo das leis divinas. Lá está elle, o Adamastor terrivel, debaixo da luz do ceu, chorando a sua sorte de encontro ás areias da praia. Os cordões das tarmagueiras são agora negros como grandes troços de crepe. De vez em quando passam aves ligeiras entoando plangentemente o seu cantico nocturno. As chami-

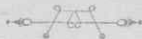


nês das casitas que salpícam a Gafanha lançam penachos de fumo como a cratera d'um vulcão em miniatura. O farol, acceso n'esse dia pelo ministro, que o inaugurou, dardejava os seus raios brilhantes sobre uma columna enorme, phantasma negro que se levanta sobre a arcia, retratando na planície encrespada das aguas pedrarias ideaes, poesias que se não poetisam pela pena d'um Homero, pelo cinzel d'um Buonarotti ou pela palheta d'um Murillo. O carro vai andando. O silencio é profundo como profunda é a eloquencia do silencio. Avistase ao longe a illuminação publica d'Aveiro. Os montículos de sal riem-se para o ceu como fascinações de prata á luz sombria da noite. Chegámos a Aveiro. As luzes reflectem-se na agua como phantasias de amor. O largo de José Estevão está vistosamente illuminado por causa da visita ministerial. No povo campeia a alegria, essa alegria suggestiva que é o fio de Ariadne de todas as festas. Nós seguimos sempre. Co-

meça a' nascer a lua como uma
rutila esphera de crystal, esprei-
tando por detraz dos salgueiros
a amplidão do ceu. A brisa corre
faguêira e rithmica como beijos
d'amôr na pureza do lyrio. Che-
gamos a Verdemilho. A paisagem
tem mais luz. Sahimos do carro.
Eramos tres: — D. Casilda, D.
Fernando e eu. A luz amarella
do luar faz idyllios e n'esses idyl-
lios ha epopeias que se não esque-
cem. O mar suspira ao longe...



bibRIA





VII

A minha blua soluçã entristecida.
Alfredo Alves.



D. Fernando e D. Casilda de Anton, dois vultos igualmente sympathicos e igualmente illustres que caracterisam bem o catholicismo meridional da sua patria, aciram-se de minha casa, depois de bellos dias passados em convivio intimo e psychologico, se aquaesim posso delirar os nossos hymeneus de conversação, sempre agradaveis á luz viva do sol campestre e á luz pallida das noites portuguezas. Os dois illustres visitantes hespanhoes trazem-me ao coração a amizade captivante de João Saraiva, o poeta genialissimo, e de Alfredo Alves, um publicista tão adoravel como modesto, levando tambem



na sua sympathia a amizade, além de muitos outros, de Joaquim de Mello Freitas, um talentoso escriptor, e de Carlos de Faria, um paisagista de litteratura deliciosa, de Marques Gomes, um trabalhador infatigavel, e de Firmínio de Vilhena, um jornalista geralmente estimado, ainda mesmo pelos mais fanaticos adversarios politicos. D. Fernando e D. Casilda de Anton levaram, pois, na alma as melhores impressões da nossa patria, deixando em nós o sentimento da mais energica saudade. As espumas do nosso mar incutiram em nossos corações a maior das sympathias, porque foi na espuma do mar que nasceu a Afrodite, a deusa do Amor. Se esta caveira de antigas grandezas, como uma concha enorme onde o bello sorri, podesse transformar-se em uma caveira humana, talvez que os illustres hespanhoes a revestissem com arcos d'oiro e beberiam por ella nos seus banquetes como fazia a rainha Joannice pela caveira de Balduino,

arrancada á solidão muda d'um sepulchro. A saudade d'elles crystallisa-se na nossa saudade.



A saudade!... A noite ergue-se como funebre phantasma, estendendo a sua mortalha de chumbo, parecendo um enorme palacio de ebano. Ha estrellas no ceu, mas essas estrellas parecem buracos de fogo, lagrimas de martyrio. As arvores da paisagem são como que esqueletos phantasticos, consciencias mortas. Por cima de nós ha um manto de tristeza como aquelle que eclipsava a luz de Carthago no mais sollemne momento do desespero, quando Asdrubal chorava na urna do seu calvario.



A saudade!... Levanta-se o dia cheio de luz, mas essa luz não encontra na alma o enthusiasmo vivo da mais sublime expansão.



E' que a luz da alma não é crys-
tallisada pela luz do ceu quando
a dôr obscurece o nosso espirito.
Corintho deixou cahir os seus cin-
zeis d'oiro na antiga Grecia á luz
do mesmo sol que tinha glorifi-
cado a sua arte. O sol exalta-se
com fascinações d'oiro, mas essas
fascinações são empannadas pelo
orvalho de lagrimas.



A saudade!... Por sobre mi-
nha cabeça desenrola-se um ceu
tranquillo e mudo. E' que eu ado-
ro o sol que illumina a paisagem,
mas ainda mais adoro as scintil-
lações do talento, os dotes da be-
leza, a magnificencia da virtude.
A Italia é illuminada pelo mesmo
sol azul e contudo os reflexos da
dêcadencia gelam os seus sorri-
sos. O sol é triste quando é gran-
de a dôr.

A saudade!... A terra está
perfumada. O sol d'oiro brilha no
azul e crystallisa os regatos, que

murmuram canções phantasticas. As folhas das arvores estremecem com a viração do mar. A terra agita os principios da vida em um mysterio encantador. A Suissa alvorece com as suas florestas vicejantes e Thebas pen-de melancholica na pèdra dos seus sepulchros. Os beijos da natureza são tristes e monotonos como o rugir do Oceano.



A saudade!... Erguem-se as arvores com a sua coma de esmeraldas, balouçando-se á viração com a passarada, que entôa os seus trinados melodiosos. As arvores muitas vezes tem a magia de uma epopeia de amor. A sombra em um dia de sol quente é uma vitalisação subtil, é uma vibratilidade passional. Todavia, essa modulação sonora do ideal é uma modulação morta quando o coração é triste.



A saudade!... O mar com as suas franjas de espuma, alvas como a brancura da assucena, arranca do céu a poesia épica dos heróicos, abrandando o coração frémente dos Achilles, exalta a imaginação esplendida dos Michelets. O mar com os seus dramas trágicos, a um tempo Apocalypse cómico e Pantheon funereo, encerra epopeias de enthusiasmo, mas essas epopeias baqueiam quando o coração humano chora.



bibRIA

A saudade!... Os trophéus da glória podem magnetisar os heróicos, quer elles nasçam dos loiros de Marathona, quer elles despontem dos triumphos de Salamina. Póde ser sublime a viridencia da victoria, mas o sentimento da alma é a rocha Tarpeia do Capitolio dos Cesares. Athenas quebra a lyra da sua grandeza á sahida da antiguidade e Numancia mostra-nos as suas cin-

zas sob o espectro de Scipião Emiliano.



A saudade!... A musica tem a electricidade do enthusiasmo. Leva o homem á guerra e á morte. Muitas vezes quebra as cordas do coração humano, infiltrando a loucura no cerebro lucilante. O homem de paz transforma-se em homem de guerra, mas quando a alma soffre, a musica é triste como os psalmos de David, como as lamentações de Jeremias. Os dois discos mettallicos do cymbalo parecem dar o som merencorio dos marmores d'um sepulchro. Quando a tristeza nos invade a alma, as notas desferidas d'um Mozart ou d'um Rouget de l'Isle, são como que o alaúde do nosso sentimento, o hymno grandioso das tempestades horríveis.



A saudade!... O coração do homem é forte. Muitas vezes ergue-se como um Hymalaia por



cima das desgraças da vida, mas ás vezes... ás vezes cahê fulminado como um cedro gigantesco perante os horrores do cyclone. O homem pode ser vigoroso como o colosso de Rhodes, e essa maravilha do mundo cahiu nas aguas do Archipelago. Apollo não poderia ser invencivel. Omphale, a formosa rainha da Lydia, vence a arrogancia de Hercules e Cleopatra, a deshonesta rainha do Egypto, triumpho sobre o animo bellicoso de Julio Cesar. O coração vence quasi sempre a musculatura, mas é sempre vencido pelo sentimento humano.

A saudade!... Levantam-se os povos com o seu diadema de fogo. Thebas, florescente e nobre, desmorona-se e hoje os povos de Médinet-About, de Luqsor e de Karnat calcam as cinzas e as ruínas da famosa cidade do antigo Egypto. Tyro, a formosissima perola de Phenicia, raiando a au-

rea luz da sua grandeza, deixa o seu commercio e a sua industria no Asphaltite da sua morte, perante a loucura de Nabuchodonosor e perante a espada de Alexandre. A Assyria cahe como uma hecatombe estrondosa e a Babilonia deixa nas ruínas o echo dos seus crimes. Ninive e Palmyra jazem em ruínas com uma tristeza de amor.



A saudade!... A poesia por de ser exaltada como um canticó de fogo ou placida como o deslizar d'um cysne nos lagos tranquilllos de Eurotas. Homero é energico como um homem de guerra; Virgilio é suave como a linguagem do Adriatico. Um, canta a valentia de Jupiter quando tenta escalar o Olympo; outro, canta a natureza quando desabrocha em fructos e em flôres á luz de um ceu azul e brilhante. A poesia é o granito lavrado pelo buril do architecto; é a tela vivificada pe-



las tintas do pintor; é a lyra que arrasta nas suas melodias o sentimentalismo do maestro; é, finalmente, o ar que vivifica as flôres dos tropicos e as rosas de Cachemira, as palmeiras do Nillo e as magnolias de Susquihama, as florestas da America e os cedros do Libano. A arte grandiosa da poesia é a manifestação da alma nas tristezas da dôr e nas tempestades do amor, é a magua de Orpheu que nos arrasta como o filho de Calliope fazia ás feras e aos rochedos da Thracia. A nossa vibratilidade passional é como aquella mystica poeira d'ouro onde a rosa de Jericho podia florescer durante seculos. E' a recordação sublime do Eden que perdemos...

A saudade !.. A saudade é um continuo supplicio de Tantaló, é toda a nossa vida despertada á luz do sol perante as recordações do passado. Achilles revê-



se na memoria dos povos da Phocida e do Pindo e Ossian chora nos seus canticos sombrios invocando Odin, o deus da Scandinavia; a Grecia descança sobre a *Iliada* da sua gloria com a recordação da nau Argus e o marinheiro do Archipelago parece sentir nas veias o sangue do maritimo da Troada; Tyro lembra ainda o baptismo dos seus varincois nas ondas encapelladas do Mediterraneo e Carthago dorme com as suas caravellas na arca do seu martyrio sob o ceu alugado da Africa. Hoje tudo lembra com uma saudade profunda Austerlitz e o prologo e o epilogo d'uma pagina da historia; Waterloo a aurora e o poente dos destinos de um povo...

Eu tenho saudades!...



